

# A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Denise Pereira  
(Organizadora)



**Denise Pereira**  
(Organizadora)

# A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-282-1

DOI 10.22533/at.ed.821192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A transversalidade da Prática do Profissional de História

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.  
Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A DRAMATURGIA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA ILUMINAÇÃO CÊNICA, QUESTÕES DE ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ANDAMENTO	
<a href="#">Berilo Luigi Deiró Nosella</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA (EPA) COMO COMPONENTE CURRICULAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA BAHIA: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO DOUTOR JUCA SENTO-SÉ	
<a href="#">Angla Pereira dos Santos Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>14</b>
A ESCOLARIZAÇÃO EM ITABORAÍ-RJ NO PERÍODO IMPERIAL (1840-1888)	
<a href="#">Regina Coeli Alcantara Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>24</b>
A FORMAÇÃO DE MÉDICOS NEGROS NAS ESCOLAS MÉDICAS BRASILEIRAS	
<a href="#">Helber Renato Feydit de Medeiros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925045</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>31</b>
A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO	
<a href="#">Marília Villanova Rodriguês</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>38</b>
A LINHA DURA NACIONALISTA E A “NASSERIZAÇÃO FRUSTRADA” DO REGIME MILITAR BRASILEIRO	
<a href="#">Guillaume Azevedo Marques de Saes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>46</b>
A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE REINALDO ARENAS (1943-1990)	
<a href="#">Bruna Alves Carvalho Mendes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>54</b>
A NAÇÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESPORTE <sup>1</sup>	
<a href="#">Eduardo de Souza Gomes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>65</b>
A POLÍTICA INVADE O VERSO: REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA POESIA DE BAUDELAIRE	
<a href="#">Marcos Antonio de Menezes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8211925049</b>	



<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>76</b>
CONSERVADORISMO E PERSPECTIVA VARNHAGENIANA: ANÁLISE DE UM CONCEITO	
<a href="#">Ingrid Silva Lucas</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>85</b>
DA IGREJA AO CAMPO SANTO: O NASCIMENTO DOS CEMITÉRIOS E O MONOPÓLIO DA MORTE NO BRASIL DO SÉCULO XIX	
<a href="#">Leonardo Oliveira Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>99</b>
DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: Trajetória Política De Eduardo Gomes Em Contextos De Transições	
<a href="#">Flavia Salles Ferro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>105</b>
DO SUBVERSIVO AO TRAFICANTE: O PAPEL DA GUERRA ÀS DROGAS NA CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO INTERNO” NO BRASIL	
<a href="#">Luiz Henrique Santos Brandão</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>120</b>
ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO FILME: DIÁCONOS PELA DEFESA E JUSTIÇA E A CONSTRUÇÃO DO SABER DISCENTE	
<a href="#">Samara Letycia Moura Borges</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>127</b>
ENTRE O DISFORME E O MONSTRO: O CORPO ESPETÁCULO	
<a href="#">Juçara de Souza Nassau</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>137</b>
FUNÇÃO POLÍTICA DA MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO INSTITUCIONAL	
<a href="#">Lindsay Borges</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>153</b>
GÊNERO E DISCURSO NO CURDISTÃO SÍRIO: NOTAS DE PESQUISA	
<a href="#">Maria Raphaela Campello</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>166</b>
GESTÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DO <i>FRONT NATIONAL</i> COM MARINE LE PEN	
<a href="#">Makchwell Coimbra Narcizo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250418</b>	

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>179</b>
HISTÓRIA E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIPTOGRAFIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADA	
Rogério Chaves da Silva	
George Mendes Marra	
Delson Ferreira	
Geovane Reges de Jesus Campos	
Amivaldo Batista dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>195</b>
HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO COMO ATORES POLÍTICOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998	
Fabrício Ferreira de Medeiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>209</b>
INFINITAS MARIAS Conhecendo as Marias desde 1950 PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	
Ronía Batista Vaz Otoni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>217</b>
JORNALISMO LITERÁRIO E PÓS-MEMÓRIA NA ÁFRICA COLONIAL PORTUGUESA DO SÉCULO XX: O CASO DOS LIVROS-REPORTAGEM SOBRE RETORNADOS	
Flávia Arruda Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82119250422</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>226</b>

## GÊNERO E DISCURSO NO CURDISTÃO SÍRIO: NOTAS DE PESQUISA

**Maria Raphaela Campello**

### 1 | INTRODUÇÃO

Presentes nas fronteiras montanhosas entre a Turquia, Síria, Irã e Iraque, os curdos estão em meio àquilo que Kadiyoti (1988) chama de eixo do patriarcalismo clássico. Esta região seria tradicionalmente caracterizada pela dominação masculina, preferência pelo filho, códigos restritivos de comportamento para as mulheres e pela associação da honra da família à virtuosidade feminina. Essas condições advêm da formação societal tradicional baseada no tribalismo e agrarismo. A endogamia, prática que precede em muito o Islã, foi adotada como meio de manter a propriedade dentro da mesma família. A mulher, capaz de gerar filhos - e, portanto, força produtiva -, passa a entrar na mesma lógica econômica, como propriedade, e o casamento torna-se transação.

Apesar de sua especificidade<sup>1</sup>, não se pode afirmar que as sociedades curdas tenham passado ilesas pela onda patriarcal.

Na verdade, práticas como a excisão feminina são, ainda, frequentes em determinadas áreas do território curdo<sup>2</sup>, e a esfera pública lhes vem sido amplamente interdita, na dupla condição minoritária de curdas e mulheres. Contudo, nesta mesma região, exércitos exclusivamente femininos afloraram, juntamente com um discurso libertário sobre gênero. Como se operou essa mudança? Qual a participação das mulheres nela? Quais são as variáveis do processo de subjetivação da mulher curda no eixo Turquia-Síria? Tais são as perguntas que orientarão a pesquisa.

Neste trabalho, apresentaremos notas de pesquisa ainda em primeiro estágio de execução<sup>3</sup>. Mobilizaremos conceitos de Michel Foucault para extrair conclusões acerca do processo de autonomização das mulheres no Curdistão, que culmina, atualmente, na presença de exércitos exclusivamente femininos e a participação igualitária das mulheres na auto-gestão das comunidades de Rojava, Síria. Trataremos igualmente do pensamento de Abdullah Öcalan, líder do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) e

1 Os curdos, apesar de islamizados, não foram jamais arabizados, e sua língua tornou-se elemento distintivo quanto aos persas, árabes e turcos. As línguas curdas, sobretudo o kurmanji, forneceram as bases do nacionalismo curdo emergente no século XIX, herdeiro do Iluminismo europeu e fomentado pelas potências mandatárias, i.e., Inglaterra e França. Existe, portanto, a percepção de uma distinção cultural profunda entre os curdos e os povos que os rodeiam.

2 Com base em dados do Réseau Suisse Contre L'Écision

3 Os desdobramentos posteriores desta pesquisa, iniciada em 2016, podem ser consultados em CAMPELLO, 2018



mentor intelectual do PYD (Partido de União Democrática), que coordena processo revolucionário em Rojava. Faremos uso de fontes secundárias que investigaram e entrevistaram mulheres curdas a partir da década de 1980.

## 2 | DIAGRAMAS DE PODER E SUBJETIVAÇÃO

Foucault afirma que “relações de poder são tanto intencionais quanto não-subjetivas” (FOUCAULT, 1988). Dividiremos essa afirmação em três partes para explicá-la: relações de poder, intencionalidade e não-subjetividade. Primeiramente, acerca do poder, entendemos que não pode ser explicado de maneira unidimensional: não apenas na esfera do domínio político, econômico ou social está o poder. Não o entendemos, também, como algo que existe por si só – o poder não existe, o poder se exerce. Trata-se de uma construção histórica que tem múltiplas formas e que está presente em todas as relações sociais, em rede, permeando todas as práticas cotidianas. Daí a utilização do termo relações de poder.

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a idéia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. (FOUCAULT, p. 369, 2012)

O poder reside, para o autor, é uma modificação que permeia uma rede de mecanismos de poder. Esta rede (determinada pela lei, pela tradição, diferenças culturais...) permite a uma unidade interferir intencionalmente nas ações das outras, provocando mudanças, quase sempre adotadas como resposta a interesses particulares. Daí a intencionalidade. A totalidade deste sistema é o que ele chama de “diagrama de poder”, onde existe uma “mútua pressuposição”, nos termos de Deleuze (HELLER, 1996), entre mecanismos de poder e diagrama de poder. O exercício de poder modifica constantemente a anatomia do diagrama, mas só é possível debruçando-se sobre mecanismos pré-existentes de poder. É isso que o autor entende por não-subjetividade. No entanto, ele vai mais além: o uso que indivíduos fazem de seu poder pode ser igualmente não subjetivo se há uma disjunção entre a intenção da ação e seu efeito concreto.

É aí que reside a diferenciação proposta por Foucault entre tática e estratégia. Nem todas mudanças institucionais acontecem deliberadamente: algumas são não-intencionais, resultado do efeito inesperada da ação. Táticas são ações intencionais determinadas; estratégias são efeitos não-intencionais, mas institucionalizados, da articulação não-subjetiva de táticas distintas de diversos grupos e indivíduos. As instituições nascidas da disjunção entre intenção e efeito conseguem se sustentar na medida em que os sujeitos nelas envolvidos reconhecem a legitimidade de sua tática. Isso as permite operar mesmo que tais sujeitos não reconheçam as consequências, i.e., a estratégia final, de tais instituições.

Tal anatomia das relações de poder tem como consequência a subjetivação. O sujeito nasce, único, em um ambiente onde língua e cultura já estão dados. É a desse ambiente que a subjetividade se nutre, e é dele que ela parte. Assim, as escolhas táticas são todas não-livres: o sujeito é livre para a escolha dentro do universo limitado daquilo que é capaz de formular discursivamente. A subjetividade nunca é, portanto, independente do processo de subjetivação.

Esse processo nunca é homogêneo: é capaz de formar tanto poderes hegemônicos quanto contra-hegemônicos. Na verdade, de acordo com Foucault, a multiplicidade de discursos sempre presentes garante que a subjetivação produza posições subjetivas estruturalmente incompatíveis. Tais posições subjetivas, hegemônicas ou contra-hegemônicas, se capazes de produzir mudanças, são poder. Porque usurpar de todos os grupos oponentes todos os mecanismos de poder é improvável, e porque todo mecanismo de poder - notoriamente o discurso - é potencialmente reversível, a resistência é uma das faces de toda relação de poder, e tem com ele uma relação de mutualidade constitutiva. (LILJA; VINTHAGEN, 2014)

A subjetivação, portanto, não significa a impossibilidade da emergência de posições de sujeito liberadas (que Foucault opõe às repressivas), isto é, em relações de poder em que indivíduos ou grupos não são capazes de congelar determinadas relações de poder e torná-las imutáveis, irreversíveis. A proliferação da possibilidade, para Foucault, é liberdade (HELLER, 1996).

### 3 | A CONSTRUÇÃO DA MULHER CURDA

Em *Bargaining With Patriarchy* (1988), Deniz Kandiyoti define as regiões compreendidas pelo Norte da África, Sul e centro da Ásia e o Oriente-Médio muçulmano como dominadas por aquilo que ela chama de patriarcalismo clássico, cuja reprodução está relacionada com a família estendida e a autoridade concedida a membros anciãos de uma sociedade. Essa organização, afirma a autora, relacionaria-se possivelmente com a incorporação e controle da família pelo Estado. Tal interpretação as associa a dominação do sexo masculino sobre o feminino às mudanças em termos de produção agrária da transição para o período Neolítico.

O patriarcado de tipo clássico que emerge então, para Kandiyoti, é definido pela preponderância das figuras paternas em termos não apenas simbólicos mas materiais, usurpando da mulher sua possibilidade produtiva através do cerceamento ao trabalho, educação e à esfera pública. É baseado na família, ou tribo, seu núcleo político fundamental. A endogamia, prática que precede em muito o Islã, foi adotada como meio de manter a propriedade dentro da mesma família. A mulher, capaz de gerar filhos - e, portanto, força produtiva -, passa a entrar na mesma lógica econômica, como propriedade, e o casamento torna-se transação.

Há uma série de códigos, normas, que guiam o comportamento feminino na

direção do ideal de mãe e esposa, especialmente através da associação entre honra familiar e virtuosidade feminina, e restringem o comportamento de diversas formas. Segundo uma guerreira curda de Rojava, “é claro que o patriarcado prevaleceu aqui também, e igualdade entre gêneros era algo sobre o qual não se poderia sequer sussurrar” (KNAPP; FLACH; AYABOGA, 2016). Além disso, dentro de um mesmo núcleo familiar, mulheres mais velhas (em especial a sogra) ocupam uma posição superior em relação àquelas mais jovens, o que serve de amparo para estas, que vêem na maternidade possibilidade de ascensão social, perpetuando um ciclo que mantém as mulheres nas esferas inferiores da sociedade.

A Turquia, por sua vez, parece excluir-se dessa lógica tradicional. O país, desde o final do século XVIII, passou por diversas reformas de proclamado intuito de modernização; em particular, a Revolução Kemalista. Trata-se de um projeto de modernização, em que se dissemina um discurso progressista que prega a igualdade entre gêneros no nível legal. Nesse processo, as mulheres ganharam acesso ao espaço público e participação na educação e trabalho. Contudo, o discurso de igualdade tem base nacionalista: é a identidade nacional - vale lembrar que este processo se desdobra enquanto a Turquia busca estabelecer-se sobre as ruínas de um Império Otomano multiétnico e multicultural - que deve ser colocada acima dos sexos. Neste processo, as mulheres curdas foram, portanto, amplamente marginalizadas.

Paralelamente, os curdos são vistos como uma minoria a ser suprimida em prol do projeto modernizador da nova Turquia. Em uma sociedade em que a identidade curda não é reconhecida, e mesmo a língua curda proibida nas escolas, a opressão da mulher curda não era uma questão, e seu acesso às instituições que as permitiriam buscar ajuda lhes são inacessíveis.

Observamos que por todo território em que os curdos estão espalhados as mulheres sofrem esse tipo de dupla opressão: em função de seu gênero, no seio do cinturão patriarcal, e em função de sua identidade étnica. Os curdos têm por séculos lutado pelo reconhecimento de sua identidade. Durante a expansão persa e sua luta contra o Império Otomano, os príncipes curdos, em sua maioria, entraram em acordo com o sultão, que os concedia poder e autonomia, e passaram a integrar o Império. É durante seu período de decadência otomano, no início do século XIX, que a questão da autonomia curda, como um todo, na forma de um Curdistão unificado, toma as elites locais, ameaçadas pela crescente intervenção e contingências postas pelo Império.

Quando da dissolução efetiva deste, a questão curda foi levada até a comunidade internacional e chegou a integrar o Acordo Internacional de Sèvres entre a França, o Reino Unido, os Estados Unidos e o Império Otomano. O acordo previa a formação de um Estado curdo em parte do território do Curdistão. No entanto, este plano nunca se concretizou. Logo os territórios em que os curdos se instalavam foi dividido em quatro territórios: Turquia; Síria, sob tutela francesa; Irã e Iraque sob protetorado inglês.

Observamos, portanto, que mesmo no eixo mais progressista do cinturão patriarcal a mulher curda é vítima de marginalização e violência, especialmente se

associada - ou acusada de associação - ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). O discurso predominante sobre a mulher curda na Turquia segue sendo o do patriarcado, o *namus* (honra), a norma. (GROJEAN, 2013)

O *namus* é definido como a vigília sobre o corpo, comportamento e sexualidade femininos. É essa noção que vai orientar em grande parte a maneira como a mulher deve realizar/viver seu gênero, da mesma maneira que ela orienta também os homens. É extremamente importante guardar a honra da família, e essa honra é portada pela mulher, vista como seu assento fundamental. O *namus*, nesse sentido, pode ser concebido como um discurso cujo resultado é a solidificação do patriarcado e, portanto, submissão feminina. Tal *namus* serve a manter a mulher nos lugares aos quais ela pertence: a família, o lar. Nas sociedades curdas, o papel biológico das mulheres é ainda fundamental. O valor de uma mulher é com frequência atribuído a sua capacidade de gestar e criar filhos. Quanto mais filhos ela tem, mais honra ela carrega.

### 3.1 Öcalan e o Homem Novo/Mulher Livre

Em 1978, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), de ideologia marxista-leninista, emergiu na Turquia com o objetivo inicial de fundar um Curdistão independente. Sua figura central era então, e segue sendo hoje, Abdullah Öcalan. Na Turquia, os curdos representam a minoria étnica (seguida pela árabe) mais expressiva. No início dos anos 1980, Öcalan fugiu para a Síria, onde grande parte dos curdos havia se tornado apátrida, condição hereditária, em 1962, quando o censo de Hasaka os excluiu da cidadania. Öcalan foi, em grande parte, responsável direto por formular as diretrizes do partido.

Durante os anos 1980, o PKK formulou um programa partidário que coloca à frente elementos da tradição e, ao mesmo tempo, de modernização. Sua ideologia baseava-se essencialmente na ideia de que as classes soberanas curdas, em aliança com o dominador estrangeiro, turco, teriam limitado os curdos ao horizonte do patriarcado, que representa o Estado particular de cada homem, intrinsecamente associado ao capitalismo. O partido formula, então o ideal do Novo Homem. Era preciso chamar os curdos de todas as partes do Curdistão para a luta de emancipação contra o inimigo imperialista e capitalista. De acordo com essa teoria, seria preciso se emancipar individualmente, mudar de hábitos e sacrificar seu próprio desejo para atingir a nova ordem social. (GROJEAN, 2008)

Nos anos 80, a família tradicional, baseada no patriarcalismo clássico, passa ser vista como um empecilho para a efetivação da vitória. O *namus*, que trancava as mulheres curdas em casa, mantinha contingenciado um possível exército. Quebrar as correntes que oprimem as mulheres seria necessário não apenas para a liberação do povo em geral: Öcalan cria que as mulheres, enquanto vítimas da exploração capitalista

e, paralelamente, aquela do patriarcado, seriam mais abertas a ideias radicais e mais motivadas para a luta.

Paralelamente, homens eles também seriam vitimados por essa ordem estatal, patriarcal e capitalista, essencialmente por causa da mulher. Em suas Análises, Öcalan fala acerca de uma estrutura patriarcal que trancafia mulheres dentro de casa, “puxando-as para baixo”. Essas mulheres, por sua vez, “puxam o homem para baixo” (ÇAGLAYAN, p 10, 2012). Por tal razão, o curdo que se pretendesse militante deveria evitar laços familiares e afetivos.

Portanto, a vitória apenas seria possível com a ruptura com a ordem patriarcal, estatal e capitalista. Para rompê-la, seria preciso uma nova abordagem da mulher, do homem e de sua relação. A ordem apenas poderia ser vencida a partir da formulação de uma nova personalidade. Essa concepção tomou forma na teoria do Novo Homem:

O novo homem não bebe nem joga, nunca pensa em seu prazer e conforto pessoais, e não há nada de feminino sobre ele, e aqueles que [no passado] e aqueles que participavam de tais atividades vão, afiados como uma faca, cortar todos esses hábitos assim que ele ou ela estiver entre novos homens. A filosofia e moralidade do novo homem, sua postura, seu estilo, seu ego, atitudes e reações [tepkî] são dele e dele apenas. A base de todas essas coisas é o amor pela revolução, liberdade, país e pelo socialismo, um amor que é sólido como rocha. Aplicar socialismo científico à realidade de nosso país cria o novo homem. (ÜÇLÜ 1996 : 21 apud GROJEAN 2008, tradução nossa<sup>4</sup>)

O objetivo do PKK é preparar todas as bases da sociedades, a partir do indivíduo, para a revolução.

Com a crescente e insistente participação feminina na esfera pública - especialmente durante as celebrações do Newroz<sup>5</sup> em 1991, 1992 e 1993 -, nas fileiras do partido e na guerrilha, tornou-se claro que essas bases incluíam muitas mulheres. O partido percebe, então, deveria deixar de falar das mulheres e começar a falar a elas: a dupla opressão à qual elas eram submetidas – do patriarcado e do capital - só poderia ser parada pela tomada de controle da luta das mulheres por elas mesmas.

No início dos anos 1990, as mulheres representavam um terço dos militantes do partido, participando das guerrilhas nas montanhas e provando sua força. O movimento das mulheres havia conseguido promover mudanças organizacionais em que as mulheres eram incentivadas a formarem suas próprias unidades de combate, sem comandantes homens, que tomou a forma do Yekîneyên Jinên Azad ên Star (YJA Star). Por fim, o PKK integra, finalmente, a questão feminina a seu programa oficial em 1993 e passa a se dirigir diretamente às mulheres.

---

4 Le nouvel homme ne boit pas, ne joue pas, ne pense jamais à son plaisir personnel et à son confort, et il ne se féminise pas et ceux qui ont [auparavant] cédés à de tels types d'activité couperont toutes ces habitudes aussi net qu'un couteau, dès qu'il ou elle sera parmi les hommes nouveaux. La philosophie et la moralité du nouvel homme, la manière dont il s'assoit, se lève, son style, son ego, son attitude et ses réactions [tepkî] lui appartiennent en propre. Les fondements de toutes ces choses sont l'amour solide comme un roc que l'on porte à la révolution, à la liberté, au pays et au socialisme. L'application du socialisme scientifique à la réalité de notre pays crée l'homme nouveau'

5 O Newroz, Ano-Novo curdo, que acontece durante do equinócio de março, é a mais importante

O PKK passava, neste mesmo período, por uma ampla reformulação ideológica. A queda do Muro de Berlim, a dissolução da União Soviética e o Fim da Guerra fria foram certamente fatores de impacto sobre a decisão do partido de declarar cessar-fogo na Turquia e o abandono das reivindicações separatistas. Existe, nesse momento, um vácuo ideológico que precisa urgentemente ser preenchido em prol da motivação à luta. (ÇAGLAYAN, 2012)

Neste contexto, Çaglayan aponta para uma interessante inversão mitológica, que acreditamos ilustrar adequadamente a mudança pretendida pelo PKK. Anteriormente, o mito fundador curdo referia-se à figura de Kawa, metalúrgico tido como liberador dos Medes – tribo que antecedeu os povos curdos. Kawa teria conduzido uma revolta popular que livrou a tribo do domínio assírio. Nesse momento, contudo, a figura libertadora de Kawa é preterida em prol de uma heroína: Zilan. Zilan (Zeynep Kinaci) cometeu um atentado suicida em 1996, em protesto contra a prisão de Öcalan na Síria. O ato aconteceu durante uma parada militar turca, matando 11 soldados e ferindo 44. Ela fazia parte das fileiras do PKK desde 1994, e deixou uma carta ao presidente em que afirmava:

Eu quero ser parte da expressão da total da luta de libertação de nosso povo. Explodindo uma bomba contra meu corpo eu quero protestar contra as políticas de imperialismo que escravizam as mulheres e expressar minha raiva e me tornar um símbolo da resistência das mulheres curdas. Sob a liderança de Apo [Abdullah Öcalan], a luta de libertação nacional do povo curdo irá, finalmente, tomar seu muito merecido lugar na família da humanidade (KINANCI, Z. 1996. Tradução nossa<sup>6</sup>)

Zilan se torna então a perfeita representante do tipo de auto-sacrifício pela nação que o PKK visava promover. Mais importante, Zilan era mulher. No novo mito, fundado pelo partido, a liberação dos povos é uma missão feminina. Zilan se torna, então, origem de um novo mito constitutivo, muito mais útil à causa revolucionária do que Kawa, o metalúrgico. Mais além, o partido difunde um novo mito fundador. A ideia central é que havia um tempo quando, sem as potências imperialistas, o homem e a mulher curdos podiam viver de acordo com suas próprias identidades. Era a Mesopotâmia.

Essa ordem social, matriarcal e pacífica, tal como descrita por Öcalan em *Liberating Life* (2013) teria sido destruída pela dominação estrangeira, notadamente turca. Nessa ordem, a mulher representava o papel principal. A mulher fazia a colheita e controlava o surplus produtivo das sociedades agrícolas mesopotâmicas. Tais atividades são pacíficas e não precisam de guerra. Foi quando os “homens fortes” e os xamãs deliberadamente roubaram a liderança feminina e estabeleceram o poder patriarcal e hierárquico inicial, através da caça e da guerra, que o declínio dessa sociedade pacífica começou. Passava-se do culto da mãe, cuja autoridade vinha do

---

6 I want to be part of the total expression of the liberation struggle of our people. By exploding a bomb against my body I want to protest against the policies of imperialism which enslaves women and express my rage and become a symbol of resistance of Kurdish women. Under the leadership of Apo, the national liberation struggle and the Kurdish people, will at last take its richly deserved place in the family of humanity.”



fato de formar a bases do corpo social, ao culto do pai. O homem, dotado de uma “inteligência analítica” a sobrepôs à “inteligência emocional” das mulheres (ÖCALAN, 2013). Paralelamente, para se estabelecer, o poder masculino desenvolveu um repertório mitológico que lhe conferia autoridade.

Esse momento, fundador do patriarcado, representa o que Öcalan chama de primeira grande ruptura sexual. Seguem-se séculos de reforço do poder através de uma estrutura autoritária e hierárquica que está na base do atual poder estatal. É durante o feudalismo que a mulher recebe o segundo golpe: aquele das religiões monoteístas, chamado segunda grande ruptura sexual. A partir desse período a sexualidade feminina é concebida como o mal mais absoluto: a mulher se torna o símbolo do pecado. Seu papel é limitado a gestar e criar os “deus-filhos” (GROJEAN, 2008) e a esfera pública lhe foi completamente proibida. A família se tornou finalmente o pequeno Estado de cada homem; a mulher, seu escravo. É por essa razão que a família e o casamento são, para Öcalan, os maiores obstáculos à liberdade. (ÇAGLAYAN, 2012)

Reorganizar a sociedade curda queria dizer, então, voltar às origens e construir uma nova identidade curda, baseada nas características intrinsecamente femininas: sensibilidade, pacificidade e amor à natureza. Uma operação discursiva sobre o *namus* chama atenção nesse período: se, anteriormente, era diretamente associado a corpos e condutas, seu objeto passa a ser visto como a nação. Existiria, de acordo com o PKK, um *namus*, uma honra, da terra natal, que estaria sendo violada pelo invasor estrangeiro. Essa operação serve, ao mesmo tempo, para motivar os homens na defesa da honra da terra natal e para remover a barreira do *namus* tradicional que mantinha as mulheres em casa. (ÇAGLAYAN, 2012)

A esta altura já estava claro que o antigo discurso que se referia a mulheres como seres passivos esperando para ser libertados não correspondia de todo à realidade. Um poderoso discurso emerge nesse contexto: a mulher que liberta a si mesma está libertando a sociedade. Percebe-se claramente, através do que foi exposto, que a questão feminina ocupa um grande espaço na nova agenda do PKK nos anos 1990, possivelmente preenchendo lacunas deixadas pelo marxismo, como sugerido por Çaglayan, e confere à agência feminina papel primordial. A bibliografia estudada sugere amplamente o surgimento, no contexto da reformulação ideológica do PKK nos anos 1990, de um novo discurso de poder acerca do sexo feminino.

Olivier Grojean chega a apontar para a possibilidade de emergência, nesse contexto, de um novo *namus*. Como vimos anteriormente, a reformulação ideológica do PKK colocava a mulher como baluarte revolucionário ao mesmo tempo que proclamando a necessidade de reformulação da personalidade – sobretudo masculina – e estabelecendo diversos scripts de gênero que estabelecem os comportamentos adequados. Tais scripts não são sempre coerentes entre si e os comportamentos que deles derivam tampouco. (TAAL, 2015)

Constatamos que a mulher é percebida como um ser naturalmente emocional e pacífico. É assim que deve ser, pois é a natureza feminina e o objetivo é voltar ao

estado natural neolítico, o matriarcado, a dominação da mulher-mãe. O papel de mãe permanece essencial. Öcalan (2013) lamenta mesmo que em tais sociedades ditas ocidentais a cultura da mulher-mãe tenha sido destruída.

Contudo ele diz também (2012) que a vida familiar é uma barreira à individualização das mulheres, e que seria preciso se distanciar da família opressora e do amor sexual. A mulher é vista também como amorosa, mas esse amor feminino deve ser dirigido à terra natal. O amor é, com efeito, um ideal para o futuro, pois o amor só é possível com a vitória, preocupação maior. (TAAL, 2015)

Trata-se de um discurso fortemente dirigido às mulheres combatentes: na guerrilha é estritamente proibido demonstrar amor por o que quer que seja, exprimir vontade de ser mãe ou falar da vida e da família antes da guerrilha. As relações sexuais também são proibidas e fortemente punidas; na verdade, todo contato mais ou menos íntimo entre guerrilheiros e guerrilheiras pode ser constrangedor para as mulheres. Se adicionarmos que, entre as guerrilhas curdas, de acordo com Grojean (2013), uma espécie de divisão do trabalho revolucionário persiste - não sem grande resistência das mulheres, é preciso dizer - e que a mulher curda tem, grosso modo, duas grandes opções de ofício: dona de casa ou soldada. Curiosamente, mas nos eximimos de tirar conclusões, são esses exatamente os dois elementos que estão na origem do patriarcado, de acordo com Joan Scott (1986): controle sobre as funções reprodutivas e do trabalho produtivo.

Um terceiro discurso sobre a mulher: a boa mulher é aquela que luta, que faz sacrifícios. A posição da mulher não é independente do ideal de uma nova sociedade, e seu valor nessa nova ordem social é dado por sua disposição a fazer parte da luta pela sociedade curda e se sacrificar. Um provérbio curdo diz: para merecer ser amada, é preciso ser bela; só é bela aquela que luta. O amor está diretamente associado à luta pela terra natal: é preciso amar apenas a terra, os curdos e, sobretudo, Apo (tio), quer dizer, Öcalan. A única forma de libertação efetiva da ordem patriarcal é a luta por todos os curdos. Mesmo em termos práticos, um pai pode impedir sua filha de se educar ou de trabalhar, mas impedi-la de lutar seria considerado uma traição. (TAAL, 2015)

Entretanto, como vimos, a partir do momento que a mulher decide deixar o lar e a ordem patriarcal que lhe impõe o *namus*, ela entra em uma outra esfera, como indica Grojean (2013), a esfera do *namus* social. O partido estabeleceu identidades femininas e masculinas ditas reacionárias e revolucionárias, determinou no seio da guerrilha relações de gênero que lhe convinham. Mais além, acreditamos que a sacralização da figura de Öcalan pode ser um possível empecilho para a contestação de suas ideias.

#### 4 | CONCLUSÕES PARCIAIS

Como demonstra Taal (2015), há uma multiplicidade de discursos acerca das mulheres que passaram a coexistir ao longo das últimas décadas, cuja origem é

também diversa. O que observamos é a formação de um complexo diagrama de poder de uma grande multiplicidade de sujeitos e mecanismos.

Este diagrama vem sendo rapidamente modificado pelo exercício de poder de vários atores, dentre os quais nós destacamos representantes da ordem patriarcal, as mulheres curdas, o PKK. A rapidez do processo podem possivelmente ser explicadas pelas circunstâncias excepcionais do Curdistão sírio, que se tornou autônomo no século XXI, paralelamente à guerra. No entanto, como mudanças no diagrama de poder só podem ser operadas se fundadas sobre mecanismos anteriores de poder, o resultado é a continuidade.

No caso estudado, a continuidade é representada pelos mecanismos tradicionais de dominação sobre o sexo feminino. Não coincidentemente, podemos perceber elementos que permeiam tanto a tradição patriarcal acerca do sexo feminino quanto a alternativa revolucionária apresentada pelo PKK. Inferimos – e, neste ponto, concordamos com grande parte dos autores estudados – haver embutido nos discursos do PKK um subjacente desejo de manter as mulheres sob controle, ainda que encorajando-as a sair de suas casas. Esse domínio se materializa nas restrições às quais as mulheres guerreiras são submetidas no que diz respeito à sua afetividade e sexualidade.

Em nosso entender, esse movimento de enquadramento das mulheres se dá em um quadro mais amplo de enquadramento social; como podemos constatar, a teoria do Homem Novo é um primeiro passo de Öcalan no sentido de tentar definir aquilo que era um curdo. Esse ideal acaba por englobar também as mulheres, dando origem a uma série de discursos contraditórios, como pudemos observar. Assim, nas bases de um nacionalismo curdo, que se opunha ao domínio colonial turco, e sobre as ruínas do marxismo ortodoxo, funda-se um discurso fortemente identitário, que busca definir o curdo - o que, dada a multiplicidade, inclusive geográfica, desses povos, não é tarefa fácil. Nessa construção discursiva de Öcalan, a mulher tem papel fundamental.

Contudo, a ação feminina neste mesmo diagrama, suscitada por um discurso que essencializa e atribui à mulher pacificidade, parece levar a consequências inesperadas a princípio: a inversão dos anos 1990 indica a necessidade de adaptação de um discurso que se provava errôneo a cada bala disparada por um fuzil feminino, pela criação de exércitos próprios, pela criação de um partido autônomo feminino, etc. Gostaríamos de apontar aí para uma possível disjunção inicial entre a intenção do discurso de poder e seu efeito concreto, que acaba provando o próprio discurso falso e obrigando sua reformulação; isto é, a existência de uma tática de mobilização de militantes e soldados e a estratégia, resultado

inesperado da ação, de autonomização efetiva das mulheres.

Se um homem bate em uma mulher,” diz Adile, “ele fica pelo menos um mês na prisão. Antes, as mulheres não possuíam direitos. Mas agora temos até mesmo cortes femininas. As *mala jinan* (casas femininas), as *Asayîşa Jin*, e as cortes prestam assistência mútua. Quando há problemas entre homens e mulheres, nós documentamos o problema e depois falamos com o homem. Muitas vezes eles

deixaram suas esposas. Se não podemos resolver o problema, como quando o homem não paga pensão alimentícia, então vamos até a corte. E investigamos casamentos de menores de idade Existe um mercado real de casamentos na Turquia. Meninas são vendidas na Internet. (KNAPP; FLACH; AYABOGA, 2016. Tradução nossa<sup>7</sup>)

É a partir dessa disjunção, sugerimos, que nascem instituições de organização exclusiva feminina, como partido e exército, cuja legitimidade pode residir, possivelmente, mais do fato de fazerem parte de uma tática emancipatória dos povos curdos do que na estratégia de libertação feminina.

Essa tática, argumentamos, pode ter sido incorporada pelas mulheres curdas exatamente por conta de seu complexo processo de subjetivação, sua emergência em um contexto de dominação patriarcal, no seio de uma sociedade marcada pelo marxismo, cujo principal agente discursivo contra-hegemônico apresenta uma única tática possível.

Como argumentado por Foucault, toda escolha tática é não-livre. Dentro do PKK, no entanto, a não-hegemonia é o discurso hegemônico. Existe, portanto, possibilidade de resistência. As mulheres integraram intimamente o processo de formação e expansão do PKK e de seus discursos. A relação que se fundou entre o PKK e suas militantes femininas, a partir de então, as incluía dentro de suas instâncias organizacionais. Assim sendo, as mulheres passam a ter elas próprias acesso aos mecanismos de poder vigentes, sendo capazes, pois, de alterar as relações de poder.

Este ponto nos parece essencial para indicar para possibilidade de uma relação de poder liberada entre as organizações curdas contemporâneas e seus componentes femininos, em contraponto à relação clássica entre patriarcado e mulheres, na qual não há qualquer espaço para mudança.

## REFERÊNCIAS

ALLSOPP, Harriet. **The Kurds of Syria: Political parties and identity in the Middle East**. I.B. Tauris, 2015

ÇAGLAYAN, Handan. From Kawa The Blacksmith to Ishtar the Goddess: Gender constructions in ideological-political discourses of the Kurdish Movement in post-1980 Turkey. **European Journal of Turkish Studies**, 2012.

DE JONG, Alex. **From stalinist caterpillar into libertarian butterfly?** The evolving ideology of the PKK. 2015. Disponível em: <<https://libcom.org/history/stalinist-caterpillar-libertarian-butterfly-evolving-ideology-pkk-alex-de-jong>>. Acesso em 12/06/2017.

CAMPELLO, M. R. **Revolução, autonomia e permanências**: um estudo do caso curdo sírio. Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Relações Internacionais, PUC Minas, 2018.

---

<sup>7</sup> If a man hits a woman,” says Adile, “he gets at least a month in jail. Previously women had no rights. But now we even have women’s courts. The mala jinan [women’s houses], the Asayîşa Jin [see 9.4], and the courts all mutually assist one another. When there are problems between men and women, we document the problems, and we talk to the men. Many times they’ve left their wives. If we can’t solve the problem, such as when a man pays no alimony or child support, then we go to court. And we investigate underage marriages. There is a real marriage market in Turkey. Girls are sold over the Internet.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Edições Graal Ltda., 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008]
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- GROJEAN, O. La production de l'Homme nouveau au sein du PKK. **European Journal Of Turkish Studies: Social Sciences on Contemporary Turkey**,[s.l.], v. 8, n. 8, ago. 2008.
- GROJEAN, Olivier. Théorie et construction des rapports de genre dans la guérilla kurde en Turquie. **Critique internationale** 2013/3 (N° 60). Presses de Sciences Po. 2013
- HELLER, Kevin J. Power, Subjectification and Resistance in Foucault. **SubStance**, Wisconsin, Vol. 25, No. 1, Issue 79 (1996), pp. 78-110. University of Wisconsin Press, 1996
- JONGERDEN, Joost. **Settlement The Settlement Issue in Turkey and the Kurds: An Analysis of Spacil Policies, Modernity and War**. BRILL, 2007
- KANDIYOTI, Deniz. **Bargaining with Patriarchy**. Gender and Society, Vol. 2, No. 3, Special Issue to Honor Jessie Bernard. (Sep., 1988), pp. 274-290. 1988.
- KINANCI, Z. [Carta aberta]. 30 de junho de 1996. [para] Öcalan, A. Carta de suicídio.
- KNAPP, Michel. FLACH, Anja. AYABOGA, Ercan. Revolution in Rojava. Democratic Autonomy and Women's Liberation in Syrian Kurdistan. Londres: Pluto Press, 2016.
- LILJA, M.; VINTHAGEN, S. Sovereign power, disciplinary power and biopower: resisting what power with what resistance?. **Journal of Political Power**, v. 7, n. 1, p. 107-126, 2014.
- LITRELL, R. F. BERTSCH, A. Traditional and contemporary status of women in the patriarchal belt. Equality, Diversity and Inclusion: **An International Journal**, Vol. 32 Iss 3 pp. 310 - 324. 2013.
- MOGHADAM, V. M. Patriarchy in Transition: Women and the Changing Family in the Middle. **Journal of Comparative Family Studies**, Vol. 35, No. 2, pp. 137-162. 2004.
- NEZAN, Kendal. **A brief survey of the history of the Kurds**. Institute Kurde de Paris. Disponível em: <[http://www.institutkurde.org/en/institute/who\\_are\\_the\\_kurds.php](http://www.institutkurde.org/en/institute/who_are_the_kurds.php)> . Acesso em 24 de agosto de 2017.
- ÖCALAN, Abdullah. **Liberating life: a woman's revolution**. International Initiative Edition, 2013
- ÖCALAN, Abdullah. **Family, dynasty and state**. PKK online. Disponível em <<http://www.pkkonline.com/en/index.php?sys=article&artID=225>>. Acesso em 19 de junho de 2017.
- ÖCALAN, Abdullah. **Democratic Modernity: Era of Woman's Revolution**. PKK online. Disponível em <<http://www.pkkonline.com/en/index.php?sys=article&artID=235>>. Acesso em 12 de abril de 2017.
- SCOTT, Joan. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, Vol. 91, No. 5. (Dec., 1986), pp. 1053-1075.
- TAAL, E. A. **The dynamics of gender in the context of war: Towards understanding what scripts**

inform the way in which PKK female fighters perform gender in the recent war against the Islamic State. Dissertação. Utrecht University. 5 de agosto 2015. Disponível online.



## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**DENISE PEREIRA** Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-282-1

